

por quem não devia, de uma forma que não devia, e as vozes que poderiam e deveriam foram e são silenciadas. Talvez todas as histórias não tenham mesmo sido contadas, apenas censuradas. Quando as vozes que podiam/deviam contar suas histórias conseguem, só conseguem porque em algo ou em alguém elas precisam estar apoiadas. Algo e/ou alguém que fala por quem poderia e deveria falar, mas que, constantemente, se vê lidando com a imposição de se calar. Outras vozes, de algozes.

Chego na página 69 do mesmo livro, em que se menciona Conceição Evaristo, e lembro do 69 em que a mulher tanto pensa, já que ela pouco pensa em fantasias enriquecedoras, somente em fantasias sedutoras. Na página seguinte eu me deparo com uma menção ao que diz Simone de Beauvoir sobre o ser mulher, mas antes disso eu já tinha me deparado com as ideias dessas escritoras por aí, e a partir de um livro de uma outra mulher, que é Djamilia Ribeiro, uma mulher negra. Portanto, eu acredito ter passado no “teste da estante”², e posso seguir falando por aí da necessidade de ler mais mulheres sem me cansar por nem um instante.

O silêncio e a literatura ou o silêncio como literatura, afinal ele diz muita coisa. Se você silencia diante de uma violência, o seu silêncio diz que você compactua e é conivente com essa violência, sem prudência; é que quem cala consente, e a dor que não é sua você dificilmente sente. Se você silencia diante de uma declaração, talvez a única coisa que possa querer sair pela sua boca é o seu coração, mas só se for uma declaração de amor. Se for uma declaração de intolerância, o seu silêncio diz sobre a sua arrogância. É disso, por exemplo, que a arte pode partir. É com isso que ela também pode partir. Partir ao meio. É que,

² A autora do livro traz essa noção com o intuito de pensar na grande quantidade de livros escritos por homens que nós podemos ter na nossa estante e os pouquíssimos escritos por mulheres.

além de um modo de se expressar, é também uma maneira de problematizar; foi para isso que ela veio.

Estudando eu descobri que Sigmund Freud fala sobre uma ideia da Psicanálise de que algo que causou frustração em nosso inconsciente pode passar por um processo em que se transforma em algo que seja proveitoso, e não mais (ou menos) doloroso. Seria como um método de lidar melhor com o que a Psicanálise chama de retorno do reprimido, uma espécie de fenômeno em que o que te frustrou sempre se manifesta, não desaparece, porque o inconsciente não esquece. Quando um(a) escritor(a), por exemplo, lida com uma frustração, ele(a) escreve, a transforma em texto; quando é um(a) dançarino(a), ele(a) dança, a transforma em performance. Uma frustração passando por uma transformação. A arte, partindo de uma frustração, é capaz de propor transformação. E é assim que eu tenho me movido, a partir e através do que tem me comovido. Eu me movimento com o que me causa tormento. Dançando conforme a música. Na minha leitura de mundo, usando alguns ditados populares como pilares. Pensando que o que eu escrevo com as minhas palavras e que o que eu inscrevo com o meu corpo carregam muita subjetividade, mas também, sobretudo, muita criticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.